

COMBATE AO ASSÉDIO SEXUAL NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

**O SERVIÇO
É PÚBLICO,
MEU CORPO NÃO!**



REALIZAÇÃO:

CONFETAM
CONFEDERAÇÃO DOS(A) TRABALHADOR(ES) NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

APOIO:

CUT
BRASIL

PSI INTERNACIONAL DE
SERVIÇOS PÚBLICOS



SINDSEP
Sindicato dos Trabalhadores na Administração Pública
e Autarquias do Município de São Paulo

ÍNDICE

Introdução.....	3
Mas, afinal, o que é violência?.....	3
O que é Assédio Sexual?.....	5
Qualquer um pode ser vítima de assédio sexual no trabalho?	6
• E quais são os grupos mais vulneráveis ao assédio sexual?.....	6
• Por que algumas pessoas são mais comumente vítimas? (As dinâmicas de poder no assédio sexual).....	6
• Machismo, Racismo, LGBTQfobia e assédio sexual.....	8
• Quando homens são vítimas.....	12
Mas não pode nem elogiar mais?.....	13
• Elogio	14
• Paquera.....	14
• Que cuidados tomar para não assediar sexualmente alguém?.....	14
Que práticas podem ser consideradas assédio sexual?.....	16
Mas será que a vítima não tem culpa também?	18
O que pode acontecer com a vítima de assédio?.....	20
Consequências à saúde.....	20
• Consequências Sociais	21
Fui vítima, como posso me defender?	21
A denúncia pode ser feita.....	22



INTRODUÇÃO

Você já foi vítima de violência no seu local de trabalho? E de assédio sexual?

Talvez essas palavras te façam pensar em situações bastante graves e não se identifique com elas, mas você pode ter sido vítima sem nem mesmo perceber.

Algum dia você se sentiu constrangida ou constrangido por uma roupa que usava? Teve vergonha do seu peso? Precistou esconder algum aspecto da sua identidade? Foi vítima de uma “brincadeira” que te deixou desconfortável? Recebeu algum toque ou olhar que não gostou? Ou talvez alguma proposta indecente? Ouviu comentários desagradáveis sobre seu jeito de ser ou aparência?

Se você respondeu sim a qualquer uma dessas questões, é muito provável que você tenha sofrido violência, entre elas o assédio sexual.



MAS, AFINAL, O QUE É VIOLÊNCIA?

Um pesquisador norueguês de estudos sobre a paz chamado Johan Galtung define violência como aquilo que acontece quando indivíduos ou grupos são diretamente ou indiretamente impedidos de viverem seu potencial como seres humanos. Assim, violência é a causa da diferença entre aquilo que poderia ter sido e aquilo que é, ou seja, o que restringe nossa vida e experiências.



Talvez essa definição possa te parecer muito ampla, mas esta é justamente a intenção. Galtung alega que não podemos caminhar em direção a paz se combatermos apenas as violências mais explícitas e ignorarmos aquelas mais sutis e sorrateiras, mas que geram danos iguais ou, por vezes, até maiores.

Para melhor compreender o fenômeno da violência o autor as divide em três grandes tipos: as violências culturais, estruturais e diretas.

VIOLÊNCIA DIRETA:

é a forma de violência mais visível e explícita. Uma ação que visa agredir, ofender ou até eliminar uma pessoa. Tem claramente um agressor e uma vítima.

VIOLÊNCIA ESTRUTURAL:

é sistêmica e indireta, resultante da própria estrutura social. Atinge e danifica sem ter um agressor visível e de fácil identificação. A exploração, a injustiça e a desigualdade, por exemplo, são violências estruturais.

VIOLÊNCIA CULTURAL:

seria o que em uma cultura, seus discursos e narrativas, “justifica” violências ou atenua seu impacto nas pessoas. Ou seja: o que na cultura faz com que uma violência pareça menos grave, aceitável ou até mesmo incentivada.

Essas violências se influenciam mutuamente. Quando, por exemplo, uma cultura separa mulheres entre “com valor” e “sem valor”, nas quais mães que criam seus filhos sozinhas são colocadas na categoria “sem valor” (violência cultural), elas podem, por exemplo, sofrer discriminação em seleções de

emprego, deixando-as em situação de maior vulnerabilidade social (violência estrutural). Quando contratadas, ao sofrerem humilhações de sua chefia (violência direta), podem contar com menor apoio de colegas ao denunciarem, pois eles acham que o chefe já fez um favor contratando-a (violência cultural).

Um outro exemplo é quando um novo coordenador de unidade chega ofendendo os servidores, chamando-os de vagabundos e dizendo que “agora terão de trabalhar” (violência direta), mesmo estes se esforçando para dar conta das demandas sob péssimas condições de trabalho (violência estrutural), pois a mídia e o senso comum retrata os servidores públicos como “folgados” que não trabalham (violência cultural).


Vemos, então, que essas violências são complexas, interagem e se alimentam. E quando falamos de Assédio Sexual? Será que ele é uma forma de violência?

O QUE É ASSÉDIO SEXUAL?

O assédio sexual é uma violência direta, ou seja, é visível e com um agressor que pode ser identificado, mas é produto de violências estruturais e culturais, das quais falaremos mais tarde.

O assédio é uma violência comum, prevalente e naturalizada.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), pode se definir como: violência?



“A conduta de natureza sexual, manifestada fisicamente, por palavras, gestos ou outros meios, proposta ou imposta a pessoas contra sua vontade, causando-lhe constrangimento e violando a sua liberdade sexual.

O assédio sexual viola a dignidade da pessoa humana e os direitos fundamentais da vítima, tais como a liberdade, a intimidade, a vida privada, a honra, a igualdade de tratamento, o valor social do trabalho e o direito ao meio ambiente de trabalho sadio e seguro.

De cunho opressivo e discriminatório constitui violação a Direitos Humanos.”
(BRASIL, p.9)

QUALQUER UM PODE SER VÍTIMA DE ASSÉDIO SEXUAL NO TRABALHO?

Sim, qualquer pessoa pode ser vítima ou agressor quando falamos de assédio sexual, sejam servidores públicos, trabalhadores da iniciativa privada, trabalhadores comissionados, estagiários ou usuários e clientes de serviços.

É mais comum, porém, que alguns grupos sociais sejam vítimas com maior frequência, o que ocorre por causa da nossa cultura e da distribuição de poder na nossa sociedade. Afinal, o assédio sexual não tem a ver, necessariamente, com desejo sexual, mas sim com poder e dominação.

É quais são os grupos mais vulneráveis ao assédio sexual?

As principais vítimas de assédio sexual são as mulheres. Entre elas, o assédio é mais frequente com mulheres jovens, negras, de baixa escolaridade ou qualquer outra situação de maior vulnerabilidade social. Mulheres em posição de poder ou em espaços predominantemente masculinos também são alvos frequentes de assédio sexual.

Pessoas LGBTQ são outro público especialmente vulnerável ao assédio sexual.

Entre homens heterossexuais, os alvos mais comuns são os homens negros.

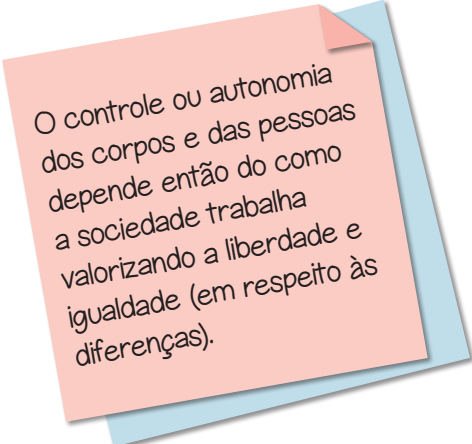


Por que algumas pessoas são mais comumente vítimas? (As dinâmicas de poder no assédio sexual)

Na nossa sociedade o poder não é distribuído de maneira igualitária. Alguns grupos têm mais poder do que outros; isso gera inúmeras desigualdades

entre as pessoas. Nos mais diferentes espaços, na família, no trabalho, nas diversas instituições da sociedade, a forma como o poder se coloca pode acontecer de maneira democrática (distribuída entre todos) ou autoritária (concentrada nas mãos de poucos). Quanto mais uma sociedade é ou reproduz práticas autoritárias, mais ela procura controlar a vida e os corpos de determinados grupos sociais.

No Brasil, que tem uma história de colonização e exploração do trabalho escravo, as instituições do Estado, como o governo e o poder jurídico e também as igrejas e famílias, costumam atuar de modo pouco democrático, permitindo pequenos e grandes abusos de poder nos diversos espaços da vida social; o assédio sexual é um desses abusos presentes no cotidiano, justificado através da cultura, que reforça e autoriza a exploração perversa do poder sobre o outro.



O controle ou autonomia dos corpos e das pessoas depende então do como a sociedade trabalha valorizando a liberdade e igualdade (em respeito às diferenças).

Este “poder” implica em diversas coisas, como ter ou não autonomia para decidir e influenciar os caminhos da própria vida, bem como seu processo de trabalho, seu corpo e seu cotidiano. Pense no seu próprio trabalho. Quem tem maior autonomia para decidir os seus materiais e equipamentos de trabalho? Você, a gestão da sua unidade, o Prefeito?

Agora pense em um homem e uma mulher que recentemente tiveram um filho. Os dois retornam para o trabalho e, na sexta-feira, haverá um happy hour, ou seja, uma atividade de lazer com os colegas. Caso eles decidam participar, os dois serão olhados e cobrados da mesma maneira?

Pois bem. Em decorrência da história de nosso país, o poder é distribuído de modo desigual entre os gêneros (homem, mulher, etc.), entre etnias (brancas, negras, indígenas, etc.), sexualidades (heterossexual, homossexual, bissexual, etc.), escolaridades (básico, médio e superior), rendas (pobres, ricos) e classes sociais (trabalhadores, capitalistas).



E, novamente, numa cultura autoritária, quanto maior o poder, mais provável a pessoa ser agressora em um assédio sexual, afinal, mais possibilidade de um uso perverso desse poder. Já quando o poder é menor, mais provável a pessoa ser vítima de assédio sexual, afinal, menor autonomia e possibilidades de se defender.

Machismo, Racismo, LGBTQfobia e assédio sexual

Como vimos, o poder é distribuído de modo desigual. Somos seres diversos, o que deveria ser concebido como algo bom. No entanto, nossa diversidade não gera igualdade de tratamento - ao contrário, é culturalmente reproduzida como desigualdade. Isso ocorre porque socialmente as diferenças que deveriam ser respeitadas são estereotipadas, ou seja, julgadas conforme aquilo que um padrão cultural dominante definiu como justo, certo, correto. O assédio sexual também se manifesta intensamente nessa maneira de ver o Outro diferente de mim ou mesmo como pertencente ou submetido a mim. Vejamos porque isso acontece:

Mulheres

Na sociedade patriarcal, homens e mulheres são concebidos como fundamentalmente diferentes, cada um com seu papel. Ao homem, cabe o poder, a força, a ação no mundo público e a palavra. À mulher cabe o cuidado, principalmente do lar e das crianças, o mundo privado e a submissão.

Nessa visão de mundo, cabe ao homem proteger a mulher, mas isso não se aplica a todas. Mulheres que não se adequam a esse projeto são, muitas vezes, vistas como mulheres que devem ser punidas ou corrigidas - não respeitadas. A mulher que ocupa o espaço público tem seu corpo, no imaginário social, concebido como público, já que está fora da esfera privada do lar e, portanto, fora do universo culturalmente reservado para ela, o privado.



Cada vez mais as mulheres têm conquistado espaço no mundo do trabalho, mesmo que ainda com menores salários e em trabalhos mais precários, o que muitas vezes produz ressentimento daqueles que antes dominavam sozinhos esse espaço. Podemos ter, então, um aumento da misoginia, um ódio inconsciente às mulheres, e, com isso, o aumento das violências, entre elas o assédio sexual, nos mais diversos espaços.

Não à toa, os estudos apontam que em trabalhos nos quais as mulheres são minoria, os índices de assédio sexual são mais altos. Isso também se reflete no assédio sexual às mulheres em posições de poder, sendo instrumento para deslegitimá-las ou mesmo “colocá-las em seu devido lugar”.

Já em trabalhos nos quais mulheres exercem funções de cuidado, o assédio por parte dos usuários desses serviços é maior, especialmente quando se dão no espaço doméstico, visto que nossa cultura sexualiza essas profissões.

Na atual conjuntura, vemos retrocessos que pretendem retornar a mulher ao lar, pondo em risco os direitos conquistados por elas.

Pessoas Negras

O preconceito e a discriminação étnico-raciais também se manifestam no assédio sexual.

O Brasil tem, em sua história, a escravização dos corpos negros. Dessa forma, culturalmente, os corpos de negras e negros são vistos como disponíveis a serem utilizados por aqueles que estão no poder.

A escravização foi justificada pelos poderosos na época construindo um estereótipo do povo negro como um povo selvagem, a serem domados, domesticados e ensinados a viver no mundo “civilizado” branco e europeu. Esse mito, essa farsa, não se perdeu e ainda é reproduzida na nossa cultura.

A sexualização e objetificação dos corpos negros colaboram para a prática do assédio sexual, visto que os coloca como corpos públicos, a serem utilizados por aqueles que detêm o poder, reproduzindo as dinâmicas da época da escravidão.



É o que vemos no estereótipo racista de Jezebel.

Carolyn West, psicóloga americana, estudando os impactos dos estereótipos com os quais mulheres negras sofrem nos Estados Unidos, país com história de escravidão assim como o Brasil, aponta três principais: Mammy, Jezebel e Safira. O estereótipo de Jezebel surge como uma racionalização da violência sexual sofrida por mulheres escravizadas, colocando-as como insaciáveis, promíscuas e imorais, procurando diminuir a gravidade das agressões, como se fossem por elas desejadas.

A ideia da Jezebel afeta mulheres negras até hoje e faz com que crimes contra elas sejam encarados como menos graves, inclusive em casos de violência doméstica.

Em pesquisa do DataFolha, publicada em dezembro de 2018, 18% de mulheres negras relataram ter vivido assédio sexual no trabalho, 5% a mais do que

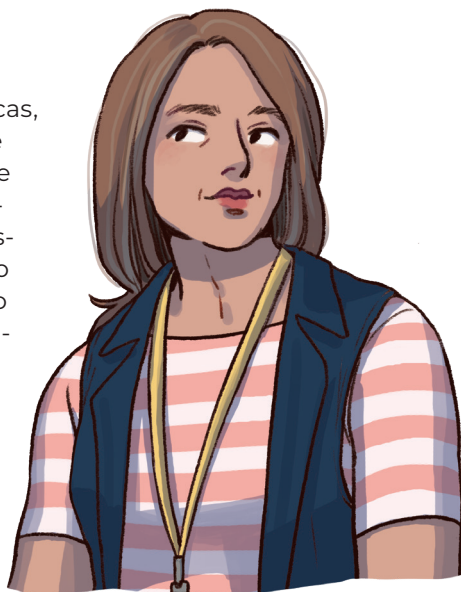
mulheres brancas. O relatório de 2018 da Central de Atendimento à Mulher Ligue 180 aponta ainda que mulheres negras e pardas representam 59,4% das denúncias de violência doméstica nas quais a cor ou raça da vítima foi identificada.

Essa imagem sexualizada da mulher negra, colocada como selvagem e devoradora de homens, em oposição a imagem da mulher branca recatada, comportada e a ser protegida, a vulnerabiliza para o agressor, que se sentiu direito de praticar a violência, percebendo a mulher negra como uma espécie de boa amante e a mulher branca boa esposa; há aqui uma prática de abuso com recorte de gênero e étnico racial.

Finalmente, mulheres negras podem, em decorrência dos estereótipos citados, serem menos ouvidas ou levadas a sério quando realizam denúncias, sendo também, muitas vezes, vítimas de ofensas racistas quando resistem ou abordam o assédio sexual.

População LGBTQ¹

Outro grupo de pessoas também vitimados pelo assédio sexual são as lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgênero, intersexo etc. Pessoas que não se enquadram na heteronormatividade culturalmente e socialmente construída na sociedade. Diferentemente do preconceito e discriminação de que são vítimas as mulheres e negros, na lgbtfofia o que fundamenta os abusos praticados é a não aceitação da orientação sexual e de identidade de gênero dos sujeitos, não se adequando aos papéis femininos e masculinos impostos a eles.



¹ LGBTQ - Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e “queer”. Por “queer”, compreende-se todo aquele que não se adequa ao padrão social da heteronormatividade.

Nesse sentido, o assédio sexual vem como uma forma de punição e correção desta não submissão aos padrões, como se fosse um aspecto que pudesse ser eliminado a partir da violência.

É comum, por exemplo, que as pessoas LGBTQ sofram comentários discriminatórios, colocando em foco e em questão sua intimidade, que não diz respeito ao espaço de trabalho, de modo a isolá-las e agredi-las.

Essas atitudes geram constrangimentos e sofrimento mental, e parecem mostrar que estamos distantes do respeito à liberdade dos corpos e das pessoas que os habitam. Ainda convivemos no cotidiano, em busca de valores mais democráticos, com censura de palavras e gestos, restrição de liberdades, condenação de afetos que não estão dentro dos padrões, reproduzindo quase sempre formas de violência e dominação.

Importante considerar que esse grupo, vítima de assédio sexual, em geral tem um histórico de abuso e de não aceitação dentro e fora do local de trabalho, assim como na estrutura familiar, na escola e em outras instituições, o que causa uma rotina de agressão que se perpetua em todos os espaços da vida.

Finalmente, todos esses grupos (mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQ) já sofrem com a discriminação e dificuldade de acesso ao poder e, portanto, às hierarquias, como a cargos. Desse modo, ocupam mais frequentemente funções subalternas, ou seja, sob o poder de alguém, o que os torna mais vulneráveis ao assédio sexual.

Quando homens são vítimas

Ainda que o assédio sexual contra homens não seja tão comum, ele existe e também pode ser muito nocivo.

Homens vítimas de assédio sexual têm maior dificuldade em procurar ajuda ou mesmo reconhecer que foram agredidos, pois nossa cultura coloca sobre os homens a pressão de estarem sempre prontos e disponíveis para o ato sexual, o que demonstraria virilidade. Isso não é realidade. Como qualquer ser huma

no, homens também podem estar indispostos ou desinteressados em propostas sexuais. Isso não implica em qualquer dúvida sobre sua masculinidade.

É comum ainda que homens sejam pressionados a participarem e se submeterem a brincadeiras agressivas, sendo qualquer recusa interpretada muitas vezes como covardia ou seriedade excessiva.

Não há nada de covarde em enfrentar um grupo e recusar deixar-se agredir. Saber e respeitar os próprios limites é fundamental.



Finalmente, é importante lembrar que qualquer homem pode ser vítima de assédio sexual, afinal, essa é uma prática que envolve relações de poder e vulnerabilidades complexas.

MAS NÃO PODE NEM ELOGIAR MAIS?

É muito comum que, quando se fala de assédio sexual, algumas pessoas entendam que se pretende proibir o elogio ou a paquera.

Mas será que elogio, paquera e assédio sexual são a mesma coisa ou mesmo parecidos?

Elogio

O elogio é um comentário favorável sobre algo ou alguém. Seu objetivo é fazer a outra pessoa sentir-se bem consigo mesma. Se um comentário constrange ou ofende, não é um elogio.

Paquera

ATENÇÃO!!

A paquera ou o flerte é uma demonstração de interesse afetivo ou sexual compartilhada pelos envolvidos. Todos os participantes têm interesse na situação, que ocorre de forma divertida ou prazerosa.

Que cuidados tomar para não assediar sexualmente alguém?

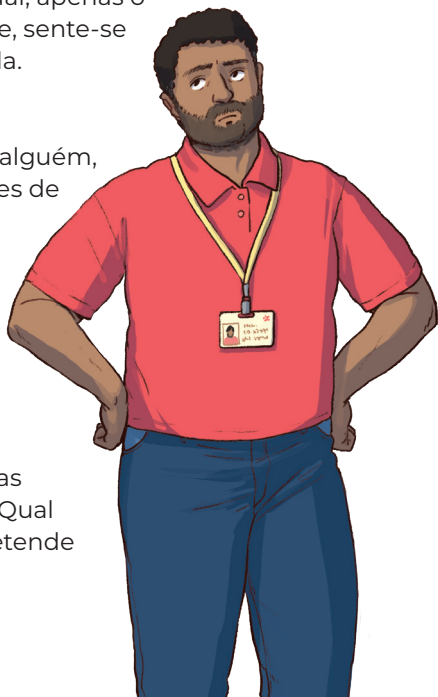
Notou algo em comum entre o elogio e a paquera?

Pois é. São situações nas quais há consentimento e todos os envolvidos se sentem bem. Já no assédio sexual, apenas o assediador tem prazer, enquanto a vítima sofre, sente-se constrangida, assustada, acuada e inferiorizada.

Se você tem receio de, na intenção de elogiar alguém, assediá-la, se faça as seguintes perguntas antes de falar:

→ **Você tem intimidade ou proximidade com a pessoa?**

Alguns comentários podem ser agradáveis ou divertidos quando feitos por uma amizade, mas desconfortáveis quando feitos por estranhos. Qual a sua proximidade com a pessoa que você pretende elogiar?



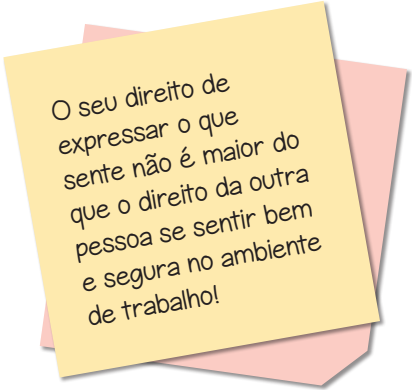
→ O seu comentário é adequado ao ambiente de trabalho?

O ambiente de trabalho é diferente de um ambiente casual, como uma festa ou um bar, e pessoas tem objetivos diferentes nesses espaços.

No trabalho geralmente queremos ser valorizados e valorizadas por nossas competências, valores e habilidades. O seu comentário valoriza qual aspecto da pessoa?

→ Quem ganha com o seu comentário? Qual o ganho que ele proporciona?

Por que você quer fazer o comentário que fará? Você quer fazer a pessoa se sentir bem ou o seu comentário diz respeito aos seus sentimentos e desejos? Ele pode constranger a pessoa, fazer com que ela se sinta inadequada ou você tem certeza de que ele trará alegria? Se qualquer outra pessoa, homem ou mulher, fizesse o mesmo comentário sobre você, isso te faria feliz?



O seu direito de expressar o que sente não é maior do que o direito da outra pessoa se sentir bem e segura no ambiente de trabalho!

Finalmente, preste atenção na reação da pessoa. Se ela expressar qualquer desconforto, pare e peça desculpas. Lembre-se, ainda, que suas boas intenções não anulam o dano ou o desconforto gerado.

Além disso, tenha em mente que uma pessoa pode se sentir bem com um comentário em um dia, mas ela não é obrigada a sentir-se do mesmo jeito todos os dias. Respeite isso.

QUE PRÁTICAS PODEM SER CONSIDERADAS ASSÉDIO SEXUAL?

Olhares insinuantes persistentes

Quando uma pessoa olha de modo insinuante e persistente alguém de modo a constrangê-la e causar desconforto.



Perguntas e comentários sobre corpo

Algumas perguntas ou afirmações sobre o corpo das pessoas podem causar vergonha, angústia e afetar a auto-estima. A gordofobia, ou seja, discriminação de corpos que não se adequam a um padrão cultural imposto, é um dos exemplos dessa prática. Estão inclusos piadas e apelidos que façam referência ao corpo, vida ou identidade sexual.



Perguntas e comentários sobre sexualidade

A vida sexual de colegas ou chefias não deveria ser assunto no ambiente de trabalho. Elas dizem respeito à vida privada das trabalhadoras e trabalhadores. Além disso, a maioria dessas falas podem ser discriminatórias, especialmente com aqueles que vivem uma sexualidade fora da heteronormatividade



“Cantadas” e insinuações

Quando a pessoa faz comentários ou gestos que demonstram interesse íntimo ou sexual não consentido no trabalho, não importa se de modo presencial ou virtual, como por mensagens de e-mail ou celular.



Toques não consentidos

Quando a pessoa toca em qualquer parte do corpo de maneira não consentida em um colega, subordinado, chefia ou usuário do serviço.

Incluí-se aqui também o estupro, que, por sua gravidade, é tipificado de outro modo, com suas especificidades, não sendo abordado nesta publicação. Entretanto, esse crime deve ser combatido e denunciado no espaço de trabalho.



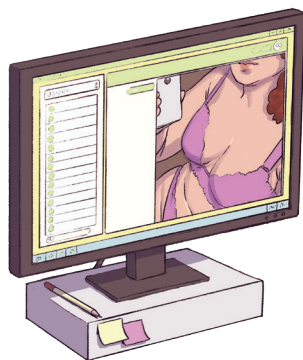
Propostas e ameaças

Quando alguém em situação de maior poder faz ofertas ou ameaças de cunho sexual ou íntimo em troca de benefícios ou penalidades na vida profissional da vítima.



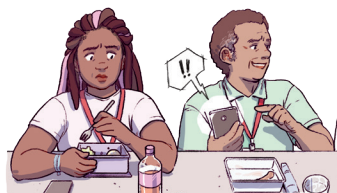
Compartilhamento de imagens íntimas sem consentimento

Quando alguém divulga imagens íntimas de colegas, chefias ou usuários sem conhecimento e autorização do mesmo. Não importa se a pessoa compartilhando as recebeu com consentimento ou não: ela não tem o direito de mostrá-las a mais ninguém.



Mostrar ou compartilhar conteúdo pornográfico

Quando a pessoa compartilha nos espaços de trabalho, sejam eles virtuais ou presenciais, imagens, vídeos ou áudios de conteúdo sexualizado e/ou pornográfico.



MAS SERÁ QUE A VÍTIMA NÃO TEM CULPA TAMBÉM?

NÃO. Nenhuma pessoa é responsável pela violência que sofre. Nenhuma pessoa escolheria ser vítima de violência. Ser vítima não implica em qualquer fraqueza, apenas em ter sido alvo da perversidade de alguém.

Muitas vezes, preocupados em evitar uma nova violência ou procurando estratégias para a vítima se proteger, acabamos fazendo comentários que culpabilizam a vítima. Afinal, a violência só pode ser realmente evitada impedindo o agressor. Se não focamos em quem pratica a violência, sempre haverá alguém menos protegido para ser vitimada ou vitimado. Falar da maneira que a pessoa estava vestida durante o episódio ou de sua forma de ser ou se comportar expressa uma culpabilização pelo assédio vivido.

Fazer a vítima sentir-se responsável pela agressão que sofreu tem apenas um resultado: piorar os impactos do assédio sexual na saúde e na vida da pessoa e desresponsabilizar aquele ou aquela que assediou. A culpabilização da vítima é, sempre, fruto e reforçador de uma violência cultural.

Quando, por exemplo, falamos que um homem assediou “por instinto masculino”, em razão da roupa que a vítima estava usando, aliviemos a responsabilidade de quem pratica a violência e, portanto, minimizamos as consequências na vida do agressor, que provavelmente continuará praticando o assédio sexual.



Quando falamos para a vítima desculpar o agressor, pois ele “está passando por momentos difíceis”, dizemos a ela que a dor dele é mais importante e que, portanto, ela deveria ficar calada.

Ao falarmos para a vítima que ele poderia ter se defendido, ignoramos os motivos que a levaram a não reagir, como medo do desemprego, transferências ou punições, por exemplo, quando, na verdade, o assediador ou assediadora é quem não deveria ter assediado.

Evite, ainda, dizer à vítima frases como “se fosse comigo...” ou “no seu lugar eu teria...”, afinal, violências são situações anormais e não podemos prever como iríamos reagir. Cada situação tem suas particularidades. Além disso, a situação já está no passado. Para além de fazer a vítima sentir-se culpada por não agir como você pensa que agiria, esse tipo de fala tem pouca função.

Antes de falar, pare e pense: **de que lado você está?**
Da vítima ou da pessoa que assediou?
Você quer contribuir com a violência ou combatê-la?

O QUE PODE ACONTECER COM A VÍTIMA DE ASSÉDIO?

Consequências à saúde

O assédio sexual é uma violência e, como tal, pode trazer diversos danos e prejuízos à saúde, especialmente à saúde mental. É vivido como um experiência de perda de dignidade e confiança nos outros, suscitando sentimentos de desamparo e abandono.

A vítima pode ter sua autoestima impactada, especialmente se tiver passado por processos de culpabilização. Pode também desenvolver comportamentos autodestrutivos. São muito comuns descuidos com alimentação e aparência, estratégias não conscientes de se proteger de futuras agressões, muitas vezes até desenvolvendo distúrbios alimentares.

Distúrbios sexuais também podem ocorrer como reação ao trauma da agressão, em especial a inibição sexual, além de sintomas psicossomáticos como dores de cabeça, náusea e cansaço persistente.

Essas consequências nocivas podem prejudicar a vida e relacionamentos pessoais, especialmente no que concerne a sociabilidade e a intimidade entre parceiros.

A depender do suporte recebido após a violência, os impactos na saúde podem acarretar adoecimentos diversos, como episódios depressivos ou mesmo transtorno de estresse pós-traumático. Dessa forma, é fundamental que a vítima seja acolhida e cuidada o mais brevemente possível após o ocorrido.

Consequências Sociais

A estigmatização das pessoas que denunciam e a violência cultural de culpabilização das vítimas podem implicar em diversas consequências sociais.

A pessoa agredida pode ser isolada ou ser alvo de piadas e comentários desagradáveis por parte de colegas ou chefias favoráveis ao agressor. É possível ainda que, caso a vítima precise continuar convivendo com o agressor no dia a dia, ela mesma se afaste dos outros para evitá-lo.

Muitas vítimas, ao denunciar, sofrem coação e intimidação, podendo ser até mesmo punidas como, por exemplo, sendo mudadas de setor ou unidade contra sua vontade, para proteger quem cometeu a violência.

Finalmente, como o assédio sexual traz consequências à saúde, a vítima pode apresentar intensa desmotivação, de modo a prejudicá-la profissionalmente ou mesmo funcionalmente, como, por exemplo, faltando ao trabalho ou não participando de cursos por desconfiança ou desmotivação.

Desse modo, as consequências à saúde e as consequências sociais se influenciam e se aprofundam mutuamente. Para romper esse ciclo, é fundamental que se procure ter uma postura de acolhimento e fortalecimento para com a vítima no ambiente de trabalho.

A sua ação pode proteger ou adoecer uma vítima de assédio sexual - o que você escolherá fazer?

FUI VÍTIMA, COMO POSSO ME DEFENDER?

Se você foi vítima de assédio sexual, saiba que você não precisa enfrentar essa situação sozinha. Caso consiga, diga não ao assediador, mas não se sinta culpada se não conseguir fazê-lo.

Colete provas! Guarde todas as mensagens, imagens ou recados que o assediador ou assediadora te enviar. Você também pode gravar escondido as conversas com ele ou com ela.

Registre todos os eventos de agressão, marcando dia, hora, local, forma, pessoas presentes e tudo mais que puder ser útil à comprovação da denúncia. Ser ou se comportar expressa uma culpabilização pelo assédio vivido.

Depoimentos de testemunhas também são valiosos! Comente o ocorrido com colegas de sua confiança! Procure ajuda e se fortaleça! **Denunciar não é fácil, mas é fundamental para parar o assédio, evitar que a violência se repita e que outras pessoas sejam vítimas!**

A DENÚNCIA PODE SER FEITA:

- Na própria **ouvidoria do órgão público** em que você trabalha, caso veja há segurança neste recurso;
- No **sindicato que te representa** no município;
- No **disque 180**, que reporta casos de violência contra a mulher;
- Na **delegacia da mulher** ou em uma delegacia comum;
- Nas **Agências da Superintendência do Trabalho**;
- Na **Defensoria Pública**.

Você também pode **notificar a sua federação estadual** de servidores municipais e a **Confetam**, que atende pelo e-mail presidencia@confetam.org.br



Documento produzido pelo Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de São Paulo e pela Fundação Friedrich Ebert - BR, com edição da Confetam.

**O SERVIÇO
É PÚBLICO,
MEU CORPO NÃO!**



COMBATE AO ASSÉDIO SEXUAL NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL



confetam.com.br



@confetam.cut



/confetam



Confetam/CUT

REALIZAÇÃO:

CONFETAM
CONFEDERAÇÃO DOS(A)S TRABALHADOR(E)S NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

APOIO:

CUT
BRASIL

PSI

INTERNACIONAL DE
SERVIÇOS PÚBLICOS



SINDSEP
Sindicato dos Trabalhadores na Administração Pública
e Autônomos do Município de São Paulo